

Resenha

Administração 3.0: A Uberização das Organizações na Era Digital

Bernardo Almeida Rocha ¹
Universidade Federal de Ouro Preto

Pensar como as organizações são impactadas pelas transformações digitais que ocorrem ao longo dos anos é de suma importância para os gestores. Essas empresas devem acompanhar de perto essas mudanças, visando manter sua estabilidade financeira e aprimorar suas entregas, entre outros aspectos. Recentemente, vem sendo discutido na literatura o termo “uberização”, “uberização do trabalho” ou “uberizar”. Tais termos são derivados da forma de organização da empresa Uber (Franco; Ferraz, 2019) e é nesse contexto que se insere o livro: **“Administração 3.0: por que e como “uberizar” uma organização tradicional”** ao qual o autor busca construir ferramentas intelectuais para entender a revolução digital que vem ocorrendo no mundo.

O livro é escrito por Carlos Nepomuceno, doutor em Ciências da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Publicado pela editora Alta Books em 2018. O livro é dividido em três capítulos, com 151 páginas, além da introdução e do prefácio escrito por Luís Mangi. No prefácio, Mangi nos apresenta, de forma sucinta, as temáticas que serão abordadas ao longo da leitura, ao mesmo tempo em que estimula o leitor a refletir sobre as tecnologias digitais nas organizações.

Na introdução da obra, Nepomuceno começa questionando a necessidade de desenvolver um cenário consistente para enfrentar mudanças inesperadas e profundas em determinados setores e organizações, destacando que tais mudanças já estão ocorrendo. Ele afirma que o texto apresenta reflexões inovadoras sobre ferramentas de análise, estratégias, metodologias e inovação, entre outros temas, que são inadequadas

¹bernardob.rocha@hotmail.com Graduando em Engenharia de Produção na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - campus Almenara (2023).

para compreender o atual contexto disruptivo no qual estamos inseridos.

Contudo, antes de seguimos para a análise crítica da obra, faz-se necessários questionar: ***Como o modelo de curadoria, apresentado como uma inovação, se alinha com os objetivos de proteção e valorização dos direitos dos trabalhadores? Quais são as implicações sociais e econômicas da implementação do modelo de “uberização” proposto pelo autor?***

Feito tais questionamentos, seguimos adiante. No primeiro capítulo, ***Filosofia da Tecnologia***, Carlos traz a ideia de que somos adaptáveis e evoluímos de acordo com nossas necessidades. No entanto, é crucial considerar o contexto no qual ele faz essa afirmação, que ganhou ampla aceitação: “Não temos administração, mas Tecnoadministração, Tecnoescola, Tecnoeconomia, Tecnomedicina, Tecnodireito, Tecnociência, Tecnoreligião” (Nepomuceno, p.4, 2018).

A partir dessa provocação, o autor afirma que a tecnologia é algo mutável, sempre se adaptando de acordo com as nossas novas necessidades. Ele ainda fornece exemplos: “Tratores e aviões não são mais considerados “tecnologias”, pois foram aculturados pelo uso. Já novos celulares ou tablets, serão chamados de “Tecnologias”” (Nepomuceno, p. 5, 2018).

Entretanto, ele afirma que nós temos dificuldade em aceitar coisas novas, pois preferimos defender determinadas práticas apenas porque temos receio e medo de, ao utilizar novas tecnologias, superar limites que considerávamos reais. Assim, quase chegando ao final do primeiro capítulo, ele pergunta: O que não muda no sapiens? e responde que buscamos equilíbrio, ou seja, viver com a maior tranquilidade possível e buscar mudanças na sociedade para atender às demandas da nossa espécie, a fim de manter nossa sobrevivência. Pois quando algo novo é introduzido em nossa vida, somos de alguma forma impactados. Esses impactos existem pré-tecnologia (no passado), antes dela, e pós-tecnologia (no presente), onde vivemos essas transformações tecnológicas.

Por conseguinte, no segundo capítulo, ***Antropologia Cognitiva***, Nepomuceno divide as reflexões em vários subcapítulos. O tema central abordado nessa parte do livro concentra-se em torno das revoluções, da busca pela inovação e de como as formas de diálogo influenciam a nova maneira de administrar. Adiante, com o objetivo de

apresentar uma ideia sobre como estamos evoluindo e quais são esses impactos, especialmente na administração, ele cita o aumento populacional e demográfico, fazendo algumas comparações sobre como nossas necessidades se alteram de acordo com nossa capacidade de reprodução e acesso a bens e serviços.

A respeito disso ele questiona: “Como imaginar que a elevação tão rápida de tais números demográficos não iria gerar uma Macrocrise Civilizacional de grandes proporções, capaz de impactar fortemente e exigir mudanças, como estamos vendo agora?!” (Nepomuceno, p.40, 2018). É perceptível a preocupação do autor em abordar a gênese da revolução digital, como isso ocorreu e continua ocorrendo, abordando o passado, o presente e o futuro, bem como as conexões feitas para conduzir o leitor às reflexões necessárias para alcançar o objetivo geral da obra. No entanto, é importante salientar que as expectativas do leitor em relação ao título da obra só serão atendidas a partir do terceiro capítulo, onde Carlos começará a dialogar com suas ideias e teses sobre a administração 3.0.

Assim, no terceiro e último capítulo, **Inovação 3.0**, como no segundo capítulo, o autor divide o texto em subcapítulos nos quais ele realiza reflexões sobre a inovação dentro das organizações. Nesta parte do texto, Carlos busca dialogar para transmitir a ideia da importância que as empresas tradicionais têm em adotar as novas formas de gestão, como as curadorias. Nesse processo, ele revisita as ideias apresentadas anteriormente sobre a necessidade humana de adaptação, buscando reduzir custos e aprimorar processos.

A respeito disso, ele afirma que: “O principal problema atual das organizações tradicionais é de mentalidade. Temos que deixar de pensar como gestores e passar a curadores em curto espaço de tempo” (Nepomuceno, p.72, 2018). Ao defender a curadoria como modelo de negócios, o autor argumenta que esse formato permite ao cliente não apenas sugerir, mas tomar decisões ao longo do processo. Além disso, ele ressalta que a relevância desse modelo está no fato de que os clientes desejam soluções personalizadas e participam ativamente na criação de produtos e serviços.

A sugestão do autor destaca a necessidade de adaptação do mercado, considerando que, atualmente, o cliente ocupa uma posição central nos negócios. Ele exerce maior

autonomia nas decisões e na busca pela resolução de suas demandas.

Além disso, quanto às vantagens do modelo de curadoria, Nepomuceno compara a Administração 2.0, que ele denomina como Gestão, com a Administração 3.0, representada pela Curadoria. Essa comparação abrange as relações de trabalho e pode orientar a análise das questões levantadas no início deste texto. A seguir, apresento a Tabela 1, que ilustra essa comparação:

Tabela 1. As vantagens da curadoria

Administração do Sapiens 2.0 (Gestão)	Administração do Sapiens 3.0 (Curadoria)
<p>Modelo de contratação: empregados fixos, o que torna organizações menos flexíveis; relação patrão/empregado.</p>	<p>Modelo de parceria com microempreendedores vinculada ao desempenho, o que torna as organizações mais flexíveis; fim da relação patrão/empregado.</p>

Fonte: Nepomuceno (p. 99, 2018). Organizado pelo autor (2024).

Contudo, a partir das observações expostas pelo autor sobre as vantagens da curadoria em relação ao modelo de contratação, é necessário destacar os riscos desse modelo, que pode resultar na precarização do trabalho, como apontam autores como Corseuil, Neri e Ulyssea (2014). Esses autores indicam que a "uberização" das relações de trabalho leva à erosão dos direitos trabalhistas e à instabilidade. Isso está de acordo com o que Antunes (p. 7, 2008) afirma: "estamos vivenciando, portanto, a erosão do trabalho contratado e regulamentado".

Além disso, observa-se que a opressão, a tirania e a violência continuam presentes nas sociedades contemporâneas, manifestando-se de diversas maneiras por meio das diversas formas de exploração. Embora essas práticas se apresentem hoje sob a fachada da modernidade, essencialmente, elas são as mesmas de outrora (Cavalcante, 2021).

Embora a obra explore a curadoria como um possível avanço na gestão de organizações e destaque suas vantagens sobre o modelo tradicional de contratação, ela falha em realizar uma análise aprofundada dos riscos associados à "uberização". O texto

não aborda com a devida seriedade as consequências dessa flexibilização, que pode resultar em uma fragilização significativa das condições de trabalho e, conseqüentemente, em impactos negativos para a sociedade.

A falta de uma análise detalhada dos riscos envolvidos pode levar o leitor a uma compreensão excessivamente otimista e simplista das novas formas de organização do trabalho, negligenciando as implicações sociais que acompanham tais modelos. Essa omissão é crítica, uma vez que a adoção de modelos que não consideram plenamente as dimensões sociais e econômicas pode exacerbar a vulnerabilidade dos trabalhadores e aprofundar as desigualdades existentes, principalmente no caso do Brasil.

Dessa forma, o texto sugere implicitamente que a “uberização” é uma resposta necessária à implementação urgente de novas tecnologias. No entanto, é crucial questionar se a “uberização” não se aproxima da precarização das relações de trabalho. Neste contexto, Carlos reconhece que a curadoria, embora apresentada como uma solução inovadora, não é “flores” e não resolve todos os problemas associados à gestão.

Ademais, dando seqüência a esse pensamento, na seção 3.3, intitulada A saída mais barata para migrar da gestão para a curadoria, Nepomuceno afirma que a Inovação 3.0 é:

Projeto de Inovação que tem como base o cenário disruptivo da atual Revolução Civilizacional Digital. Pretende ser metodologia de apoio para as Organizações Tradicionais continuarem competitivas no mercado através da criação de duas áreas separadas na organização: uma que mantém projetos de inovação incremental e radical na Gestão. E outra que procura monitorar e explorar as novas oportunidades com a criação de nova Organização já no modelo de Curadoria (Nepomuceno, p.111, 2018).

Nesse sentido, ao analisar tal afirmação, devemos dar a importância da promoção do "emprego decente", um dos pilares das políticas de trabalho em nível global. A obra deveria abordar com mais profundidade como as inovações tecnológicas e a “uberização” afetam essa busca. Neste caso, da inovação 3.0 como uma forma de aprimorar a competitividade entre as empresas no mercado, ressalta-se que tal avanço das tecnologias digitais, por um lado, pode otimizar processos e criar novos mercados, mas, por outro, deve ser implementado de forma a não sacrificar as condições mínimas de trabalho digno.

Desse modo, a obra traz contribuições relevantes para a discussão sobre inovação e tecnologia nas organizações, especialmente no contexto brasileiro. No entanto, ao sugerir o modelo de “uberização” como uma solução inovadora, o texto desconsidera as implicações sociais e econômicas que essa proposta pode acarretar, especialmente no que diz respeito à precarização do trabalho. Portanto, recomenda-se sua leitura com ressalvas, incentivando uma abordagem crítica e reflexiva, particularmente por parte de estudantes e pesquisadores que busquem entender as complexidades das novas dinâmicas laborais em um contexto digital.

Assim, esta obra é recomendada a estudantes e pesquisadores das áreas de Administração, Contabilidade e Economia que busquem compreender a intersecção entre empreendedorismo e inovação no contexto digital. No entanto, ressalta-se que é fundamental que essa leitura seja acompanhada de uma análise crítica dos possíveis efeitos adversos do modelo de "uberização" discutido, sobretudo no que diz respeito à precarização das relações de trabalho. O conteúdo exige cautela, já que sugere mudanças que, se não implementadas com responsabilidade social, podem ampliar a vulnerabilidade do trabalhador.

Referências

- Antunes, R. (2008). Afinal, quem é a classe trabalhadora, hoje? Campinas, Estudos do Trabalho, Ano II – Número 3 - 2008 Revista da RET Rede de Estudos do Trabalho www.estudosdotrabalho.org
- Cavalcanti, T. M. (2021). Sub-humanos: O capitalismo e a metamorfose da escravidão (1ª ed.). Boitempo.
- Corseuil, C. H. L., Neri, M. C., & Ulyssea, G. (2014). Uma análise exploratória dos efeitos da política de formalização dos microempreendedores individuais. Rio de Janeiro: Ipea.
- Franco, D. S., & Ferraz, D. L. (2019). Uberização do trabalho e acumulação capitalista. Cadernos Ebape.BR, 17(3), 844-856.
- Nepomuceno, C. (2018). Administração 3.0: Por que e como "uberizar" uma organização tradicional. Alta Books Editora.